

Brasil ignora a importância do potencial dos superdotados

Discriminação na escola e falta de estrutura prejudicam a formação

DA REDAÇÃO

Um estudo feito no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) desbravou as características individuais e familiares de adolescentes superdotados. Descobriu que grande parte delas não se encaixa no imaginário de facilidades e sucesso a que o grupo estaria naturalmente destinado. Nessas condições desfavoráveis, os jovens talentos deixam de contribuir decisivamente para o desenvolvimento tecnológico e sociocultural do país.

Ao analisar 42 jovens entre 12 e 18 anos, bem como seus pais, irmãos e professores, a pesquisadora Jane Farias Chagas, autora de uma tese de doutorado sobre o assunto, verificou que os jovens enfrentam problemas na escola e nem sempre recebem estímulo para desenvolver suas aptidões. Além disso, muitos pais desconhecem como lidar com os filhos. O governo, por sua vez, é tímido em iniciativas para esse público.

Bullying cria problemas

No colégio, que seria o lugar de consagração da inteligência privilegiada desses adolescentes, os resultados são de espantar. Quase 50% dos adolescentes entrevistados disseram já ter sido vítimas de constrangimento recorrente, seja por apelidos pejorativos ou brincadeiras de mau gosto em função de seu talento. No conjunto, essas hostilidades recebem o nome de *bullying*.

Com o objetivo de evitar ser alvo dos colegas, o estudo notou uma tendência à negação do talento, principalmente entre as meninas.

– Na escola, muitas vezes, eles são discriminados. Para serem aceitos, fingem ser menos inteligentes ou tentam não demonstrar seu conhecimento ou habilidades – registra Jane.

A estratégia de defesa também é usada para evitar comentários sobre o mau desempenho escolar. Os superdotados com vocação acadêmica geralmente possuem um desempenho superior em alguma área específica, como exatas. Entretanto, a performance pode ser razoável ou até ruim nas demais disciplinas.

Jane explica que os jovens talentosos não precisam ser bons em tudo, como normalmente se pensa. Eles não formam um grupo homogêneo e suas características dependem do tipo de talento que possuem. Podem ser classificados em dois grupos principais. Um, compõe-se daqueles com habilidade acima da média em áreas da educação formal. Por exemplo, português ou matemática. São chamados de superdotados acadêmicos.

Dotes artísticos

Os demais se destacam especialmente nos dotes artísticos, esportivos e de produção como pintura, desenho, dança, música, futebol, ginástica, invenções tecnológicas e jogos. Recebem o nome de superdotados produtivos/cria-

“

Na escola eles são discriminados. Para serem aceitos, fingem ser menos inteligentes ou tentam não demonstrar as suas habilidades

Jane Farias Chagas
pesquisadora

“

É um capital social enorme. Se for desperdiçado, significa que vamos ter menos pesquisa, menor avanço tecnológico

Denise Fleith
professora da UnB

tivos. Entre os participantes do estudo, 19 se classificavam no primeiro grupo, 21 no segundo, e apenas 2 se enquadram nas duas opções.

Se na escola a convivência com os demais estudantes poderia ser melhor, em casa os superdotados vivem uma relação muitas vezes conflituosa. Todos os irmãos entrevistados disseram se incomodar com a comparação entre ambos. Um caso, inclusive, era de uma menina gêmea, que não tinha a mesma habilidade artística da irmã.

Irmãos reclamam

Outra reclamação dos irmãos foi de fazer mais tarefas domésticas porque o familiar superdotado passa parte do tempo em atividades relacionadas à sua área de talento e em salas de recursos, onde convivem com seus semelhantes nas escolas públicas. Por outro lado, apontam características positivas.

– Descrevem-nos como dedicados, persistentes, perfeccionistas e determinados – enumera.

Já os pais de superdotados vivem uma ambigüidade.

– Podem interferir ou não no desenvolvimento do talento do filho – diz Jane.

Esses pais, muitas vezes, são taxados de exibicionistas e super estimuladores. Em geral, esse dilema é agravado pela falta de atendimento especializado ao longo da escolarização dessas crianças.

A pesquisadora ouviu, também, relatos de pais desgostosos por ter conseguido tardivamente atendimento para seus filhos talentosos. Apesar de a habilidade artística ter sido reconhecida durante a educação infantil, somente no último ano do ensino médio uma das jovens que participou do estudo teve oportunidade de desenvolver suas aptidões.



Rodrigo Dalcin/UnB Agência



IMAGEM Falsa – A pesquisa conduzida por Jane Chagas (à esquerda) permite perceber que o sistema de ensino não fornece aos superdotados todos os estímulos de que precisam e, muito pelo contrário, chega a criar problemas para eles, até forçando-os a esconder seus talentos para escapar a comportamentos agressivos